

## Laços familiares e memória: uma análise de *Diário da queda* e *A chave de casa*

Shirley de Souza Gomes Carreira

**RESUMO:** Este trabalho visa ao exame das relações familiares em duas obras da literatura brasileira contemporânea, *A chave de casa*, de Tatiane Salém Levy, e *Diário da queda*, de Michel Laub, a fim de demonstrar que os laços familiares nessas obras estão intrinsecamente ligados a uma memória individual resultante da ação da memória coletiva, produzindo relações que são simultaneamente de atração e rejeição.

**Palavras-chave:** Relações familiares. Memória individual. Memória coletiva. Atração. Rejeição.

Ter família é condição essencial para ser feliz. Mas ter demasiadamente uma família é algo de que temos que nos libertar. Tem que haver um laço que se corta, mas que nos deixa estar na rede familiar, protetora. É uma raiz que tem que se casar com uma asa, fazer-nos voar [...]. Mia Couto

Os judeus vivem e crescem sob o signo da memória. Elie Wiesel (*From The Kingdom of Memory, Reminiscences*)

### Introdução

Se outrora os laços familiares eram prioritariamente determinados pela consanguinidade, com o passar do tempo a afetividade e a intimidade tornaram-se determinantes para o estabelecimento dos elos entre membros da família (CORREA SZELBRACIKOWSKI & DESSEN, 2007, p. 34).

A modificação dinâmica do núcleo familiar ao longo da história gerou análises do seu modelo, bem como dos diversos modos de construção de laços:

Considerar a família como unidade de análise significa levar em consideração o desenvolvimento das relações entre os subsistemas, de acordo com os princípios básicos da “teoria sistêmica da família” (MINUCHIN, 1985, 1988). Nesta teoria, os subsistemas marital, parental e fraternal são interdependentes e compostos por relações diádicas, triádicas e poliádicas (DESSEN, 1997; KREPPNER, 2001).

Essas análises demonstraram que há períodos normativos e não normativos; funcionais e disfuncionais; em que há processos de conformidade e desconformidade com certas normas e que são os períodos de transição normativa que permitem o desenvolvimento de novas formas de interação, gerando padrões de comunicação igualmente novos.

Por outro lado, as transições familiares não normativas, bem como os fatores biológicos e sociais e as práticas parentais, influenciam a origem, a manutenção e a evolução dos problemas de comportamento no âmbito da família (CORREA SZELBRACIKOWSKI & DESSEN, 2007, p. 34).

A par dos fatores mencionados, há o aspecto de construção da memória familiar que exerce influência incontestável no relacionamento entre os membros da família. A redescoberta do passado no presente, ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, proporcionam novas possibilidades de entendimento de si e do outro.

Para que algo se torne efetivamente memória, conforme nos ensina Huyssen (1995), há a necessidade de transmissão de geração em geração. Assim, embora toda memória seja dependente de uma experiência passada, é no presente que ela se processa. Sejam elas memórias traumáticas, rituais, culturais, ou vestígios reprimidos de acontecimentos passados, é no tempo presente que exercem o seu papel na transformação social.

Buscar a ancestralidade, falar dos membros da família é, de certo modo, um subterfúgio para falar de si, por meio de uma imersão na herança familiar.

Em *Individu et mémoire familiale* (2007, p.13), Anne Muxel analisa as funções da memória familiar, distinguindo três em particular: a função de transmissão, a função de revivescência afetiva e a função de reflexividade. A função de transmissão reconstitui o conjunto de laços genealógicos e simbólicos que unem os membros da família. Na função de revivescência afetiva, há uma tentativa de reviver a afetividade, após uma perda ou separação. Por fim, a função de reflexividade proporciona uma reavaliação da própria vida através do resgate da memória parental.

A literatura é locus profícuo para a análise dessas funções da memória familiar e este trabalho buscará analisar dois romances contemporâneos a partir desse ponto de vista: *A chave de casa*, de Tatiana Salém Levy, e *Diário da queda*, de Michel Laub.

### **O trauma e as memórias subterrâneas**

Para lembrar seu passado, um indivíduo precisa se remeter às lembranças dos outros. Uma vez que a memória é sempre dependente das interações e dos grupos sociais, os sentimentos de pertença e identidade são configurados no âmbito da memória coletiva. No entanto, Candau (2012, p.36) afirma que uma sociedade pode compartilhar um conjunto de lembranças, ou seja, delimitar uma área de circulação dessas lembranças, mas as evocações individuais das mesmas são diferentes. A transmissão da memória não garante o seu compartilhamento, assim como é impossível garantir que dois observadores compartilhem a mesma experiência.

Os dois romances que compõem o *corpus* literário deste trabalho têm como espinha dorsal memórias traumáticas e experiências de deslocamento. Escritos a partir de uma herança cultural judaica, ambos contêm referências à migração e às formas de reconstrução do lugar antropológico e da identidade em uma nova terra: o Brasil. Entretanto, os enfoques dados à memória apoiam-se não apenas na memória coletiva, mas, primordialmente, na memória genealógica ou familiar, que, via de regra, assume o papel de princípio organizador da identidade do sujeito, ao mesmo tempo em que busca conferir o sentido do enraizamento, do sentimento de pertencimento e da preservação de uma herança que é imaterial.

A relação com essa herança é, quase sempre, guiada por sentimentos contraditórios de atração e rejeição, de lembrança e esquecimento.

O trauma está no âmago das relações familiares em *Diário da queda*, de Michel Laub. No romance, o narrador-personagem aborda a história de três gerações: a do avô, a do pai e a do filho— esse último, o próprio narrador.

Há, entre as gerações, um silêncio sobre fatos que são inferidos pelo narrador, mas não comentados por seu pai. O avô não nomeado assume um caráter arquetípico e a história de sua vinda para o Brasil e da adoção da profissão de caixeiro-viajante reproduz situações vividas por muitos imigrantes judeus provenientes da Europa Oriental. A assimilação do avô é total e sua identidade judaica parece sofrer um apagamento, uma vez que não frequenta a sinagoga nem segue as tradições do judaísmo.

Sobrevivente do Holocausto, ele se recusa a falar de seu passado, jamais mencionando o que ocorrera com seus parentes durante a Shoá. Sua atitude sugere uma forma de autodefesa em relação às lembranças do passado:

A reação ao traumático, à medida que rompe as ligações, incide diretamente e imediatamente sobre a consciência e sobre as fronteiras entre as instâncias psíquicas (...)A ruptura promovida pelo trauma questiona dolorosamente no sujeito a continuidade do si mesmo, a organização de suas identificações e ideais, o emprego dos mecanismos de defesa, a coerência de sua forma pessoal de sentir, de atuar e de pensar. (HELLER; MARTINS COSTA, 2005, p. 415)

Segundo Pollack(1989), apesar da abundante literatura e do lugar concedido ao Holocausto nos meios de comunicação, frequentemente ele permanece como tabu no âmbito das memórias individuais. Além das razões políticas do silêncio— que envolvem questões como culpa e omissão— acrescentam-se as de ordem pessoal, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais.

Apesar da tentativa de levar uma vida normal, constituindo família e tendo uma vida profissional bem sucedida, o avô mantém-se o máximo possível recluso em seu escritório, a fim de não mencionar o indizível:

(...) e uma vez meu avô começou a gritar até que minha avó chamasse dois enfermeiros e a partir daquele dia ele precisou tomar remédios que além de terminar com os gritos não fizeram muita diferença porque ele continuou o tempo todo isolado. (LAUB, 2011, p. 80)

A falta de condição de fala e ausculta, necessária à superação do trauma, leva o avô ao suicídio. Para Lilenbaum (2007, p.3), “o trauma é a incapacidade de recepção de um evento imensurável, que ultrapassa as fronteiras da nossa percepção, tornando-se sem forma, sem palavra”. A verbalização está, portanto, associada à superação, o que não ocorre no caso do avô do narrador.

Após a sua morte, o pai do narrador encontra cadernos de anotações e manda traduzi-los, na esperança de encontrar dados que lhe permitam reconstruir a sua ancestralidade. Surpreendentemente, as anotações não fazem menção ao passado ou aos antepassados do avô.

Do ramo da família do meu avô morreram todos em Auschwitz, e não há uma linha a respeito deles nos cadernos. Não há uma linha sobre o campo em si, quanto tempo meu avô ficou lá, como fez para sobreviver, o que sentiu quando foi libertado, e posso imaginar a reação do meu pai ao ler o texto, seis meses ou um ano depois da morte do meu avô, e perceber essa lacuna. (LAUB, 2011, p. 30)

Os cadernos, na realidade, contêm uma denegação do real: verbetes que constituíam descrições do mundo como deveria ser, bem como uma visão fantasiosa da imigração.

*Gravidez* – condição em que a esposa passa meses sem doenças e nem sofre riscos tais como doenças no útero ou pressão alta. (LAUB, 2011, p. 79)... esses mesmos cadernos dizem que a decisão de seguir em frente com a gravidez da minha avó foi *tomada sem hesitação, a expectativa de uma nova vida que foi planejada pelo marido desde sempre, seu desejo mais profundo de continuidade e doação amorosa.* (LAUB, 2011, p. 46)

O trauma sofrido pelo avô, de certa forma, é transferido ao filho, que, em quatorze anos de convivência, experimentara a mesma melancolia. A falta de comunicação e afetividade entre os dois gera no pai do protagonista outro tipo de trauma, que ele tenta superar apegando-se ao judaísmo, no qual só é capaz de enxergar o lado negativo, a herança do sofrimento e da perseguição.

Meu avô preencheu dezesseis cadernos sem dizer uma única vez o que sentia em relação ao meu pai, uma única referência sincera, uma única palavra das que costumamos ver nas memórias dos sobreviventes de campos de concentração (...), a esperança que se renova quando se tem um filho depois de sair de Auschwitz, a alegria que se consegue ter novamente ao ver um filho crescer como resposta a tudo que se viu em Auschwitz, e o horror de saber que alguém que saiu de Auschwitz e passou a gastar todo o tempo livre de forma tão estéril, o exercício inútil e inexplicável de imaginar cada fenômeno da realidade como algo que deveria se transformar no seu exato oposto, até desaparecerem os defeitos, os relevos(...). (LAUB, 2011,p. 47)

Meu avô nunca falou sobre Auschwitz, e restou ao meu pai mergulhar naquilo que primo Levi escreve a respeito: os homens que roubam a sopa uns dos outros em Auschwitz, os homens que mijam enquanto correm porque não há permissão para ir ao banheiro durante o expediente em Auschwitz [...] (LAUB, 2011, p. 80).

(...) e eles dizem o que sempre se dirá dos judeus, você que rouba o emprego dos outros, que empresta dinheiro a juros, que explora, que conspira, que ameaça, que oprime. (LAUB, 2011, p.44)

Assim, como o avô, o pai do narrador também escreve um diário. Com outro intuito, porém, o de preservar a memória ante a ameaça do Mal de Alzheimer. Nele, registra a falha na transmissão dos valores positivos do judaísmo e um embate encarniçado entre a lembrança e o esquecimento. Consequentemente, os valores que transmite à geração seguinte são permeados pela presença do trauma, carente de palavras ou afetos.

No entanto, não é apenas esse trauma que constitui o sentimento de inadequação que persegue o narrador. O ponto fulcral da trama é uma agressão coletiva dos colegas judeus do narrador ao jovem João, um góí (não judeu) aluno de uma escola judaica, que a sofre exatamente quando estava tentando se inserir na realidade do contexto cultural do judaísmo.

Segundo o narrador, é comum nessas festas judaicas que algumas pessoas se juntem e comecem a jogar o aniversariante para cima, aparando sua queda, para, em seguida, jogá-lo novamente para cima. No entanto, quando o grupo do qual participava o narrador jogou João para cima, não aparou sua descida, acarretando uma queda brutal do aniversariante, que ficou hospitalizado por muitos dias.

A situação criada faz com que o narrador rememore a sua condição de judeu, passando de oprimido a opressor. Ao buscar estreitar laços de amizade com João, mergulha no passado, tentando, concomitantemente, encontrar a si mesmo.

A função de transmissão da memória, bloqueada pela experiência, mas revivida por meio dos escritos do pai e do avô, abre espaço para a função de revivescência afetiva, em que os laços começam a ser reatados, e, por fim, dá lugar à função de reflexividade, pois é a revisitação do passado que permite ao narrador repensar a própria vida. Aos quarenta anos, ele é um adulto problemático, com tendências ao alcoolismo, instável emocionalmente e incapaz de assumir um relacionamento estável e duradouro com as mulheres. Assim como seus antepassados, deixa seus traumas confinados no silêncio, impedindo a fala e a ausculta redentora.

*Diário da queda* reporta-se a uma sucessão de quedas/ traumas: à queda de João, ponto de partida para a narrativa, a queda do avô, que sucumbe à dor por meio do suicídio, a queda do pai, que em busca de lembranças está fadado ao esquecimento, e a queda do próprio narrador, em sua incapacidade de lidar com o mundo que o cerca.

A superação surge ao final, quando, livre do alcoolismo, ligado finalmente à mulher que ama e diante da expectativa do nascimento do filho, o narrador parece predisposto a traçar uma nova história:

(...) mas você olha para mim e sabe intuitivamente o que está por trás de cada uma de minhas palavras, o que significa a pessoa na sua frente, meu avô diante do meu pai, meu pai diante de mim, eu agora e a sensação que acompanhará você enquanto os anos passam e também começo a esquecer todo o resto, o que a esta altura não é mais alegre nem triste, bom ou ruim, verdade ou mentira no passado que também não é nada diante daquilo que sou e serei, quarenta anos, tudo ainda pela frente, a partir do dia em que você nascer. (LAUB, 2011, p. 151)

Como herança, deixa ao filho a sua escrita, para que ele mesmo “leia e tire suas próprias conclusões”: “Não vou estragar sua vida fazendo com que tudo gire em torno disso.

Você começará do zero sem necessidade de carregar o peso disso” (LAUB, 2011, p. 151). Seu avô carregara o peso das lembranças e terrores do Holocausto; seu pai carregara o peso da falta de comunicação com o pai e do desconhecimento do passado. Ele mesmo carregara o peso da incomunicabilidade com um pai para quem o judaísmo era sofrimento, tortura e opressão, mas seu filho haveria de ser livre do peso da memória.

### **O peso da herança como trauma**

A escrita em *A chave de casa* é uma espécie de parto às avessas, em que o cordão umbilical precisa ser reconstruído e novamente cortado, para que a subjetividade da narradora seja, finalmente, conquistada.

Assim como em *O diário da queda*, há a necessidade da escrita, do inventário do passado, do recrudescimento de mágoas e dores até que estas sejam compreendidas e desfeitas, resultando em uma nova oportunidade de vida.

Numa relação familiar, a herança cultural nem sempre é recebida de bom grado; às vezes, a manutenção da tradição pode tornar-se algo mecânico, cujo sentido perdeu-se no tempo.

Primeiramente publicado em Portugal pela editora Cotovia, *A chave de casa* foi publicado no Brasil em 2007 e caracteriza-se, conforme afirmou a própria autora, como uma autoficção, termo cunhado pelo francês Serge Doubrovsky, em 1977, para designar uma construção literária que, ao misturar a escrita do eu a um outro eu ficcional, produz um gênero híbrido que se situa entre a autobiografia e a ficção, entre a memória e a imaginação (FIGUEIREDO, 2007).

No projeto de tese apresentado à PUC-Rio, a autora explica o que a impulsionou a escrever o romance:

Na verdade, tudo começou com uma experiência pessoal de doença que, se não paralisou de fato meu corpo, sem dúvida me deixou paralisada. Foram meses sem conseguir sair da cama, o pescoço rígido, os ombros feito pedra e uma insônia sem fim. Em meio a médicos, remédios e, sobretudo, nomes nunca ouvidos, dei início a uma busca do sentido, uma busca de meus próprios nomes. Afinal, o que significa ser neta de quatro imigrantes, fazer parte de uma família que ao longo dos séculos – ao que se sabe desde o XVII – teve de deixar sua terra natal inúmeras vezes e procurar em terra estranha algum acolhimento possível? Ou ainda: o que significa crescer entre lembranças de viagens e não conseguir sair do lugar? (LEVY, s/d, p. 1-2)

O mergulho no passado empreendido pela autora resultou em um mosaico de quatro narrativas, em tempos distintos, que compõem a trajetória da protagonista e sua história familiar: a história do avô, desde sua partida de Esmirna, na Turquia; a história da doença de sua mãe; a história de uma relação amorosa plena de conflitos e perigos e, finalmente, a história da busca que a protagonista empreende pela própria identidade.

A protagonista do romance é descendente de judeus turcos e nasceu em Portugal, quando seus pais estavam no exílio, e, aos nove meses, após a Lei da Anistia, veio com os pais para o Brasil.

Após a morte da mãe, vítima de câncer, a protagonista mergulha em uma imobilidade destrutiva, agravada por um relacionamento amoroso mal resolvido. Seu avô lhe dá, então, a chave da casa da família em Esmirna e a missão de partir e ir ao encontro de suas origens. A lenda de que os judeus safaraditas teriam levado consigo as chaves de suas casas, à espera de um retorno, é explorada no romance, assim como fez Borges em *O outro e o mesmo* (1964).

Em *A chave de casa*, não é o avô quem retorna, mas a neta, que leva consigo o peso dessa responsabilidade. A entrega da chave, no entanto, tem outra finalidade: a de propiciar à

neta a autodescoberta, a definição de sua identidade, respondendo, assim, às perguntas que ela faz a si mesma: “Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?” (LEVY, 2007, p. 25).

Se em *Diário da queda* a denegação do trauma leva à destruição do avô, em *A chave de casa*, debruçar-se sobre o próprio passado é um ritual necessário para que os fantasmas interiores se desfaçam. Para a narradora, a sua imobilidade e a sua dor são causadas pelo trauma da migração: uma carga herdada, que a faz sentir-se plural, quando o seu desejo é o da individualidade.

De certa forma, a necessidade de reinventar-se que move a narradora é uma repetição do que seu avô sentira muitos anos antes, ao chegar à sua nova terra:

Se ele quisesse poderia conservar seu nome, sua origem. Preferiu criar outros, dar um novo nome e uma nova origem à vida que o aguardava. Sentia que para recomeçar precisava de outra identidade: se não deixasse para trás tudo o que havia sido seu até então, estaria para sempre amarrado ao passado (LEVY, 2007, p. 42)

A protagonista partilha com o avô a reação às perdas. Ambos sentem-se, em um dado momento, submergir ante o peso do passado: o avô, pela dor do amor perdido para sempre, a neta, pela perda da mãe, pela relação amorosa sedimentada em conflitos. A entrega da chave da casa de Esmirna tem caráter simbólico. Assim como o avô fizera um dia, ela também terá de decidir o que fazer com a herança cultural que recebera.

A escrita do romance, em *A chave de casa*, é um processo de luto, de escolhas, que não só visam a dar um sentido a essa herança familiar, mas também a definir a herança literária. A escrita é o aprendizado da dor:

Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor. Dói escrever esta história: cada nova palavra que encontro dói. Escrever, mãe, dói imensamente: dói tanto quanto é necessário. (LEVY, 2007, p.147)

O diálogo com a mãe morta é, de certo modo, mola propulsora para uma viagem em busca da própria identidade: “Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história de chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram [...] conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma” (LEVY, 2007, p. 133).

Em *Diário da queda* fica patente uma ausência de comunicação entre as gerações e a dor pelo desconhecimento do passado, mas em *A chave de casa* o diálogo existe. O trauma é de outra natureza:

[...] Tenho em mim o silêncio e a solidão de uma família inteira, de gerações e gerações. Como se toda a alegria que cada um viveu fosse se desprendendo leve no ar e só ficasse a tristeza. E como se essa tristeza fosse se acumulando, se acumulando até chegar até a mim. Eu sou o resultado das dores de toda uma família.[...] (LEVY, 2006, p.106)

Rememorar a história dos familiares é parte da viagem:

Então, continuei a lhe contar. Contei como tinha sido a viagem à Turquia, as pessoas que tinha encontrado, a casa que não estava mais lá. Contei que tinha feito esse percurso para tentar sair do lugar, porque havia muito eu não me levantava da cama, no Brasil. Contei também da morte da minha mãe., da dor, do luto. Disse-lhe que falo com ela até hoje. Falo com os mortos, afirmo, com os mortos que me acompanham. (LEVY, 2007, p. 200).

Tanto Laub quanto Levy abordam a herança cultural como parte das relações familiares. Em *O diário da queda*, o pai do protagonista se apega ao judaísmo como uma forma de preencher a lacuna deixada pelo avô, para quem o passado jazia enterrado em um mar de silêncio. O protagonista, por sua vez, se ressentia daquela versão do judaísmo, carregada de tensão, do sentimento de perseguição.

*A chave de casa*, por outro lado, mostra uma característica legalista do judaísmo, desprovida de um envolvimento religioso de fato:

Não havia nada de religioso no ritual. Para mim, faltava sempre alguma coisa. Faltava verdade. Tudo não passava de uma grande encenação: éramos judeus um dia por ano. Festejávamos o ano-novo, mas para nós o ano só começava no dia primeiro de janeiro. O ano nunca começou em setembro ou outubro. Então, por que a celebração? Por que esse teatro para nós mesmos? [Não entendo por que dizer que não havia verdade. Deus não estava na mesa, concordo, foi a nossa escolha. Não era a religião o que nos importava, mas a tradição. Não queríamos simplesmente jogar na lata de lixo aquilo que nossos antepassados se esforçaram para guardar. O importante era manter a simbologia. Eu queria transmitir um pouquinho do que aprendi para os que vieram depois (LEVY, 2009, p. 130).

Segundo Figueiredo, esse legalismo, compreendido como práticas culturais herdadas, caracteriza-se como “judeidade”:

A judeidade se distingue do judaísmo, que se refere à religião; a judeidade tem mais a ver com as práticas culturais herdadas dos ancestrais, o respeito a alguns valores, tradições e instituições – como as festas religiosas - que até fazem parte da religião, mas que não são expressão de uma verdadeira religiosidade.

Conforme aponta Menezes:

As personagens de ambos os romances expõem suas contradições internas tendo como pano de fundo uma dor maior: a herança judaica de exílios, perseguições e genocídio (este último no caso do romance de Laub). Contestam práticas concernentes ao judaísmo religioso e, após diversos embates íntimos, aceitam a condição judaica como uma herança da qual não podem prescindir. Revelam-se, portanto, como judeus culturais (segundo caracterização proposta por Moacyr Scliar) ou vivem o que Bernardo Sorj concebe como judaísmo secular, ou seja, consideram-se judeus, mas esse sentimento não lhes impõe uma série de práticas pré-concebidas. A relação de cada uma das personagens com o judaísmo é mergulho íntimo; logo, é subjetiva e singular. (MENEZES, 2013, p. 12)

Retomando as funções segundo a visão de Muxel, pode-se dizer que em *A chave de casa* é o luto que detona a função de transmissão da memória, em decorrência da ligação afetiva entre a narradora e sua mãe: “Reconte a história do seu avô, conte a minha também: conte-as você mesma. Não tenha medo de nos trair” (LEVY, 2009, p. 20). A função de reflexividade resulta da viagem empreendida pela via da escrita.

### **Considerações finais**

Os dois romances analisados exploram o impacto da memória nas relações familiares. Em ambos, o trauma está presente: no romance de Laub, a sombra do Holocausto perpassa as relações humanas; em *A chave de casa*, predomina o luto, o exílio, a separação e a tortura. Nos dois casos, a superação do trauma se dá pela via da rememoração.

Não por acaso os dois autores adotam o fragmento como forma privilegiada de registro da memória, visto que esta tem uma natureza fragmentada. A escrita perpassa os

romances como a única possibilidade de resgate do passado e solução para o presente. O narrador de Laub, ao defrontar-se com o passado, com os traumas silenciados, tem a oportunidade de exorcizar sentimentos que jaziam guardados, minando a sua possibilidade de realização pessoal. A narradora de Levy necessita mergulhar no passado, abraçar e romper com a sua herança, para, finalmente, descobrir-se um ser cosmopolita, sem vínculos exceto consigo mesma.

As duas obras permitem uma leitura da ancestralidade como parte do sujeito, porém concedem ao herdeiro o direito de escolha sobre a sua herança. A definição das identidades resulta da ressignificação do passado pela via da memória.

**ABSTRACT:** This paper aims to examine the family relationships in two works of contemporary Brazilian literature, *A chave de casa*, by Tatiane Salém Levy, and *Diário da queda*, by Michel Laub, in order to show that family ties in these works are intrinsically linked to a individual memory resulting from the action of the collective memory, producing relationships that are both of attraction and rejection.

**Keywords:** family relations; individual memory; collective memory; attraction; rejection.

## Referências

BAÜMER, A.; TRAHTEMBERG, A. R. C.; KAHL, M. L. F. Transgeracionalidade: a patologia da transmissão psíquica entre gerações. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 7, n.2, pp. 369-394, 2005.

CARREIRA, Shirley S.G. A escrita como viagem: uma leitura de *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy. In: Oliveira, Paulo César S.; Carreira, Shirley de Souza Gomes (Org.). *Poéticas do Contemporâneo*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, pp. 85-98.

CORRÊA SZELBRACIKOWSKI, Adriane; DESSEN, Maria Auxiliadora Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, vol. 12, núm. 1, pp. 33-40, abril, 2007.

COUTO, Mia. Entrevista à Silvia Couto Cunha *Visão*. Disponível em <http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/2013-05-27-Os-lugares-de-Mia-Couto>. Acesso em: 18/05/2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. A herança judaica em Tatiana Salem Levy e Régine Robin. *Conexão Letras*, v.6.n.6, 2001, pp.29-40.

HELLER, A. G.; MARTINS COSTA, M. B. A vivência do trauma no analista: da dor ao ato criativo. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 7, n.2, pp. 413-427, 2005.

LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEMÓRIA em cacos: conversa com Michel Laub. Portal Literal, 2011. Disponível em: <<http://www.literal.com.br/acervodoportal/memoria-em-cacosconversa-com-michel-laub-6544/>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

MENEZES, Jéssica S. de O. A chave de casa, de Tatiana Salem Levy, e *Diário da queda*, de Michel Laub: notas da inscrição do judaísmo na literatura brasileira contemporânea. 2013. 146 p. Dissertação ( Mestrado em Letras ). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.



MICHEL Laub. Disponível em: <<http://michellaub.wordpress.com/>>.  
Acesso em: 18 jan. 2013.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

WIESEL, Elie. *From the Kingdom of Memory*. New York: Summit Books, 1990.

**Data: 31 de maio de 2016.**